

# Introdução

## Alcino Pedrosa

### 1. Trajecto biográfico de Hipólito José da Costa

Jornalista, figura marcante da imprensa brasileira, homem de profundas convicções liberais, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça não tem ainda o lugar que merece na historiografia nacional. Embora referenciado em vários trabalhos, que têm como cenário de fundo a época em que viveu, são escassos os estudos que abordam a sua personalidade multifacetada e a leitura que, através dos seus escritos, cristalizou das sociedades portuguesa, norte-americana e brasileira suas contemporâneas<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Com efeito, na historiografia portuguesa escasseiam os estudos sobre a vida e obra de Hipólito José da Costa. Constitui excepção à regra a dissertação de mestrado de João Pedro Rosa Ferreira, apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em Fevereiro de 1987 [vide Ferreira, João Pedro Rosa, *O Jornalismo na Emigração. Ideologia e Política no Correio Brasileiro (1808-1822)*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1992]. Substancialmente diferente é o que se passa relativamente à historiografia brasileira, que tem dedicado especial atenção a este autor, em particular à sua intervenção política e jornalística. Do conjunto de textos publicados no Brasil sobre Hipólito José da Costa, destacamos os seguintes títulos: Dourado, Mecenas, *Hipólito da Costa e o Correio Brasileiro*, 2 tomos, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1957; Rizzini, Carlos, *Hipólito da Costa e o Correio Brasileiro*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957; Macedo, Francisco Riopardense de, *Hipólito da Costa e o Universo da Liberdade*, Porto Alegre, Sulina, 1975; Castro, Teresinha de, *Hipólito da Costa: Ideias e Ideais*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1985; Lima Sobrinho, Barbosa. *Hipólito da Costa — Pioneiro da Independência do Brasil*, Brasília, Fundação Assis Chateaubriand / Verano, 1996; Xavier, Paulo, *Hipólito José da Costa: Um Observador Económico na América*; Porto Alegre, IEL, 1997; Quevedo, Raul, *Construtores da Liberdade: a História de Dois Jornalistas Que Mudaram a Consciência do Mundo*, Canoas RS, Ed. da ULBRA, 2001; e Paula, Sérgio Goes de, *Hipólito da Costa*, São Paulo, Editora 34 (coleção Formadores do Brasil), 2001. Num registo mais específico, pelo seu contributo para o estudo do pensamento económico de Hipólito José da Costa, referimos ainda os textos publicados *on-line* por Paulo Roberto de Almeida: *Um Tocqueville Avant la Lettre. Hipólito da Costa Como*

Natural da colônia de Sacramento (actual Uruguai), onde nasceu a 25 de Março de 1774, veio a ser baptizado na igreja matriz daquela praça, em 2 de Abril do mesmo ano. O pai — Félix da Costa Furtado de Mendonça — era oficial de ordenanças do exército português e a mãe — Ana Josefa Pereira — uma natural da colônia.

Aos três anos, na sequência da ocupação espanhola da colônia de Sacramento, Hipólito mudar-se-ia com a família para o Rio Grande, onde seu pai se estabeleceria como proprietário de terras.

Pouco se sabe sobre a actividade de Félix da Costa Furtado. As informações disponíveis permitem-nos, no entanto, afirmar que terá obtido êxito nos seus empreendimentos fundiários, o que, de algum modo, explica a bem sucedida integração da sua família na colônia. De resto, um dos irmãos de Hipólito — José Saturnino da Costa Pereira —, formado em Matemática pela Universidade de Coimbra, viria a adquirir alguma notoriedade na vida social e política brasileira, tendo sido ministro da Guerra e senador do Império, cargo este que exerceu durante 24 anos, entre 1828 e 1852<sup>2</sup>.

Hipólito da Costa realizou os estudos básicos em Porto Alegre, sob a orientação de seu tio — o padre Pedro Pereira Fernandes de Mesquita<sup>3</sup> —, um homem erudito, com uma graduação em Cânones, que se fixara no Brasil, depois de uma vivência de alguns anos na capital, onde conhecera D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Esta relação entre os dois revelar-se-ia fundamental na vida de Hipólito, anos mais tarde, depois da conclusão do curso jurídico, quando se colocou ao jovem licenciado a necessidade de se lançar na vida profissional.

A influência do padre Pedro Pereira junto do sobrinho parece ter sido mais determinante do que as breves referências constantes nas suas

---

*Founding Father do Americanismo* (<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/a1250920021.htm>) e *Hipólito José da Costa: Pioneiro do Pensamento Econômico Brasileiro* (<http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol2n6/paulo.htm>).

<sup>2</sup> Além de político reputado, José Saturnino da Costa Pereira ganhou nome, como professor, na Escola Militar do Conselho do Imperador, onde deu aulas de Mecânica, Hidrostática e Hidrodinâmica. Autor de uma vasta obra literária, onde avultam os textos de natureza compendiária, o irmão de Hipólito viria a publicar, em 1813, na revista *O Patriota* um artigo sobre matemática avançada, onde abordava o problema isoperimétrico dos sólidos de maior volume. Este texto, sem aportar resultados novos, é, no entanto, paradigmático na história da ciência brasileira, não só pelo pioneirismo que constituiu a sua publicação, como também por ilustrar uma capacidade, até certo modo surpreendente, da emergente imprensa brasileira em lidar com textos científicos desta natureza [cfr. Pereira, José Saturnino da Costa, «Problema: entre todos os sólidos de igual superfície, achar o que tem máximo volume», in *O Patriota*, Fevereiro de 1813, 2º vol., pp. 3-7.

<sup>3</sup> Cfr. Dourado, Mecnas, *Hipólito da Costa e o Correio Brasileiro*, 2 tomos, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1957, tomo 1º, p. 32, nota 28.

biografias deixam supor. Com efeito, segundo Frei Mariano Veloso, um botânico, que conheceu Hipólito durante a sua adolescência no Brasil e que viria a privar com ele, já em Lisboa, aquando da sua passagem pela Casa Literária do Arco do Cego<sup>4</sup>, o clérigo teria desempenhado um papel marcante na formação do jornalista, não só pela instrução clássica e humanista que lhe ministrou, como também pela forma como o sensibilizou para os estudos científico-naturalistas, inculcando nele uma área de interesse que o acompanharia ao longo de toda a sua vida.

Com 19 anos, o futuro director do *Correio Braziliense* deixaria o Brasil rumo a Portugal, com o objectivo de frequentar a Universidade de Coimbra. Inscrever-se-ia, primeiro, nas Faculdades de Filosofia e de Matemática, antes de começar a cursar Leis, onde seria admitido a 18 de Outubro de 1793<sup>5</sup>.

O ano preparatório no curso de Filosofia revelar-se-ia determinante no processo de formação de Hipólito, já que lhe permitiu, de um modo sistemático e aprofundado, estabelecer contacto com um conjunto de saberes científicos essenciais para a consolidação de um pensamento estruturado, de profundo sentido técnico e pragmático, que se começara a moldar na adolescência, sob a influência de seu tio. Nas aulas de Félix Avelar Brotero<sup>6</sup>, desenvolveria o interesse

---

<sup>4</sup> A Casa Literária do Arco do Cego foi criada por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em 1799. O seu estabelecimento insere-se no quadro de uma política colonial, que privilegiava o Brasil, fonte primordial da prosperidade da metrópole. Para dirigir a sua tipografia, foi convidado Frei Mariano Veloso, um botânico e naturalista, com obra publicada, que tinha sido responsável pela recolha de um acervo importante de espécies exóticas para o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda. Mariano Veloso fez-se rodear, nesta tarefa, por um grupo de jovens intelectuais brasileiros que se encontravam na metrópole, entre os quais se incluíam Hipólito José da Costa e o químico Vicente Seabra da Silva. Durante o período da sua existência (1799-1801), a Casa Literária do Arco do Cego publicou 83 títulos, 36 de autores portugueses, 41 traduções e 6 em latim, tocando áreas diversas, como a história natural, a agricultura, o desenho, a pintura, a medicina, a poesia, a náutica, as ciências exactas e a história [cfr. Leme, Margarida Ortigão Ramos Paes, «Um breve itinerário editorial: do Arco do Cego à Imprensa Régia», in *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801), Bicentenário*, Lisboa, Biblioteca Nacional / Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1999, pp. 77-90].

<sup>5</sup> Cfr. Morais, Francisco, «Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil», in *Brasília*, suplemento ao volume iv, Coimbra, Faculdade de Letras — Instituto de Estudos Brasileiros, 1949, p. 358.

<sup>6</sup> Félix Avelar Brotero (1744-1828): botânico português, estudou em Coimbra e em França, onde conviveu com os naturalistas Buffon, Couvier e Lamarck. Em 1790, regressou a Portugal, assumindo a regência das cadeiras de Botânica e Agricultura na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, onde, de resto, criou o Jardim Botânico. Foi como professor que Brotero, primeiramente, se relacionou com Hipólito José da Costa, encetando uma relação que, contudo, não se esgotaria nos bancos da Universidade. Com efeito, em 1801, encontrando-se a exercer a função de director literário da Junta de Impressão Régia, Hipólito terá

pela botânica e a agricultura — nascido na juventude passada em Rio Grande — e deixar-se-ia seduzir pela leitura das *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências*, que se tornariam, para si, uma obra de referência, o que explica, de algum modo, os traços de um fisiocratismo heterodoxo existentes no seu pensamento.

Espírito livre e demonstrando um sentido interesse pela aprendizagem (aliás, reconhecido com a atribuição do prémio de mérito no final do primeiro ano do curso de Leis<sup>7</sup>), Hipólito da Costa revelou, enquanto aluno, uma postura crítica que o levou, frequentemente, a distanciar-se do ensino ministrado na Universidade<sup>8</sup> e a procurar, em matérias relacionadas com a filosofia e a economia, uma informação mais actualizada do que aquela que era veiculada nas aulas do curso. Esta preocupação constante pela actualização e pela novidade torná-lo-ia, aliás, um razoável conhecedor dos autores representativos do moderno pensamento filosófico e científico europeu, em particular de Condillac, em cuja obra se embrenhou desde os «*primórdios do curso académico*»<sup>9</sup>.

O espírito crítico demonstrado, aliado à manifesta simpatia pelas ideias iluministas, valeriam ao jovem estudante alguns problemas com o corpo docente da faculdade, confirmados, de resto, no exame de Conduta Moral, posterior à formatura, onde ele viu a classificação de Muito Bom, que lhe fora atribuída na rubrica «Merecimento Literário», vetada por um dos membros do júri, que questionou a sua probidade<sup>10</sup>. Não obstante isso, concluiria o curso com boas classificações, em 5 de Julho de 1798<sup>11</sup>. Um ano antes, em 10 de Junho de 1797, adquirira o grau de bacharel.

Destinado a um lugar no funcionalismo, Hipólito da Costa fixar-se-ia na capital, apresentando-se ao secretário da Marinha e Negócios Ultramarinos — D. Rodrigo de Sousa Coutinho — como

---

pensado em publicar uma edição portuguesa da obra *Recherches sur l'Organisation des Corps Vivants*, de Jean-Baptiste Lamarck, solicitando ao seu antigo professor uma introdução ao livro. O projecto, contudo, não viria a ser concretizado, devido à sua prisão, em 1802, acusado de conspiração maçónica.

<sup>7</sup> Cfr. «Acta de 3 de Agosto de 1794», in *Actas das Congregações da Faculdade de Leis (1772-1820)*, vol. 1, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1983, p. 164

<sup>8</sup> Cfr. Dourado, *Mecenas, ob. supracitada*, tomo 1º, p. 38

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>10</sup> Cfr. Ferreira, João Pedro Rosa, *O Jornalismo na Emigração. Ideologia e Política no Correio Braziliense (1808-1822)*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1992, p. 16, nota 5.

<sup>11</sup> Presidiu ao júri do acto de formatura Bernardo Carneiro Vieira da Silva, sendo arguente José Carlos Barbosa de Sousa [cfr. Dourado, *Mecenas, ob. supracitada*, tomo 1º, p. 33].

sobrinho do Padre Pedro Pereira. O conde de Linhares não ficaria indiferente às qualidades do jovem jurista nem, tão-pouco, aos laços de consanguinidade que o uniam ao clérigo brasileiro, com quem em tempos se relacionara. Escassos três meses após a sua chegada a Lisboa, Sousa Coutinho incumbia-o de uma missão aos Estados Unidos, com a finalidade de estudar os progressos verificados, neste país, no campo das artes práticas, da agricultura e das manufacturas. As instruções fornecidas pelo ministro incluíam, além deste, um outro objectivo, mais secreto, diríamos mesmo, de espionagem económica: recolher o insecto e a planta da cochinha, de grande valor para a indústria têxtil, criados no México pelos espanhóis e cuja exportação era proibida<sup>12</sup>.

Desta missão, além dos relatórios detalhados enviados para o reino, onde Hipólito procurou conjugar informação teórica com comentários de natureza prática, resultou um diário de viagem<sup>13</sup>, cujo interesse vai muito para além das simples descrições ou observações do viajante, já que o autor nele não se coíbe de tecer extensas considerações sobre questões económicas e monetárias candentes na época.

No decurso da viagem, para além do cumprimento das instruções directamente relacionadas com a sua missão, o enviado português teria oportunidade de evidenciar o seu interesse pela economia, traduzindo, provavelmente a convite de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, *A História do Banco de Inglaterra*, de E. F. Thomas Fortune, obra que viria a ser, posteriormente, editada pela Casa Literária do Arco do Cego<sup>14</sup>.

A estadia de Hipólito da Costa nos Estados Unidos ficaria, no entanto, marcada por um acontecimento, que se revelaria determi-

---

<sup>12</sup> Cfr. Pereira, Hipólito José da Costa, «Memória sobre a viagem aos Estados Unidos por ...», in *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 31, 1858, pp. 352 e 362-363.

<sup>13</sup> Este texto, descoberto no Catálogo de Manuscritos da Biblioteca Pública de Évora, por Alceu Amoroso Lima, foi publicado no Brasil, em 1955, pela Academia Brasileira, e reeditado em 1974, pela Sulina Editora, de Porto Alegre, e, em 2004, pelo Senado Federal Brasileiro. Refira-se, ainda, que parte do *Diário* foi publicado, por Robert Smith, no *The Pennsylvania Magazine of History and Biography* (vol. LXXVIII, Janeiro, 1954)

<sup>14</sup> A referência bibliográfica completa a esta edição é: Fortune, E. Thomas, *Historia Breve e Authentica do Banco de Inglaterra com dissertações sobre os metaes, moedas e letras de cambio e carta de incorporações por T. Fortune, traduzida da segunda edição de Londres; impressa por ordem de S. Alteza Real, o Príncipe Regente Nosso Senhor, por Hypolito José da Costa Pereira*, Lisboa, na Typographia Calcographica e Littographia do Arco do Cego, MDCCCI.

nante na sua vida: a iniciação na Maçonaria, em Filadélfia<sup>15</sup>, para onde entraria, proposto por um emigrado francês<sup>16</sup>, chamado Mourque<sup>17</sup>, que conhecera durante um jantar em casa de Jean Lefebvre de Cheverus, futuro primeiro bispo de Boston.

O modo como Hipólito desempenhou a sua missão, certamente, terá agradado D. Rodrigo de Sousa Coutinho que, disposto a aproveitar as competências e o *know-how* entretanto adquirido pelo jovem brasileiro, o nomearia para a equipa editorial que, sob a direcção de Frei Mariano de Veloso, assumiria a responsabilidade pelas publicações da Tipografia do Arco do Cego. Aqui permaneceria alguns meses, até ao encerramento da casa editora, nos finais de 1801. Seria, então, nomeado director literário da Junta de Impressão Régia<sup>18</sup>, lugar que exerceria com empenho e dedicação e no exercício do qual procuraria dar continuidade ao projecto anteriormente assumido, traduzindo para edição algumas obras de carácter técnico e económico, entre as quais os *Ensaio Económicos e Filosóficos*, de Benjamim Rumford<sup>19</sup>.

No desempenho das novas funções, Hipólito da Costa deslocar-se-ia a Londres, por ordem de Linhares, com a missão de adquirir «*livros, máquinas e outros materiais*»<sup>20</sup>, tidos como indispensáveis para o arranque de uma política editorial, que contemplasse a publicação de obras técnicas e económicas «*de elevado interesse para o país*»<sup>21</sup>. O enviado da coroa portuguesa, contudo, não limitaria a sua acção em Inglaterra ao cumprimento das instruções de Sousa Coutinho, aproveitando a liberdade de movimentos que o exercício do seu cargo lhe proporcionava para negociar, com a *Grande Loja de Inglaterra*, o reconhecimento de uma *Grande Loja* em Portugal, que reuniria as lojas *Amor e Razão*, *Virtude*, *Concórdia* e *União*<sup>22</sup>.

---

<sup>15</sup> Hipólito da Costa foi iniciado, em 12 de Março de 1799, na loja *Washington* (n.º 59), em Filadélfia, tendo adoptado o nome simbólico de *Aristides* [cfr. Oliveira Marques, A. H. de, *História da Maçonaria em Portugal*, vol. 1, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 368].

<sup>16</sup> Na época, em Filadélfia, existiriam cerca de 2.500 exilados franceses, uma grande parte dos quais fugidos ao consulado de Napoleão Bonaparte.

<sup>17</sup> Cfr. Dourado, Mecenias, *ob. supracitada*, tomo 1º, p. 77.

<sup>18</sup> Cfr. *Gazeta de Lisboa*, 30 de Janeiro de 1802, p. 4.

<sup>19</sup> A referência completa a esta obra é: Benjamim, Conde de Rumford, *Ensayos Económicos e Filosóficos por Benjamin, Conde de Rumford, traduzidos em vulgar por Hypolito José da Costa Pereira*, Lisboa, na Regia Officina Typographica, MDCCCI.

<sup>20</sup> Cfr. Dourado, Mecenias, *ob. supracitada*, p. 82.

<sup>21</sup> *Elogio de Dom Rodrigo de Sousa Coutinho, Conde de Linhares*, Rio de Janeiro, Typographia Nacional e Imperial, 1826, p. 8.

<sup>22</sup> A constituição da *Grande Loja Portuguesa* — oficialmente denominada *Grande Oriente Lusitano* — foi, segundo Oliveira Marques, precedida de uma reunião realizada, em Janeiro de 1802, ainda em Portugal, entre uma comissão de *maçons*,

Em todo este processo, Hipólito contaria com o apoio de um *maçon* inglês, que conheceu meses antes em Lisboa, e que viria a tornar-se no seu anjo tutelar durante o exílio inglês: Augustus Frederick, duque de Sussex, filho do rei Jorge III de Inglaterra<sup>23</sup>.

O papel do duque de Sussex na organização e regularização da *Grande Loja* portuguesa não está ainda completamente esclarecido. Não será, no entanto, excessivo afirmar que a sua acção terá sido determinante, não só pelos contactos que indicou a Hipólito, como também por lhe ter fornecido as credenciais necessárias para ele se apresentar perante os irmãos ingleses.

Hipólito da Costa remeteria o tratado celebrado para Portugal, deslocando-se, posteriormente, a Paris para possíveis negociações com o *Grande Oriente de França*, para as quais estava igualmente mandatado<sup>24</sup>.

As movimentações de Hipólito em Inglaterra e em França não passariam, todavia, despercebidas no reino, junto da Intendência Geral da Polícia. O envolvimento maçónico do director literário da Junta de Impressão Régia era por demais evidente para não ser notado, desencadeando reacções persecutórias, que contribuiriam para o degradar das suas relações com D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que acabaria por lhe retirar a protecção<sup>25</sup>. Poucos dias após o regresso ao

---

constituída por Hipólito da Costa, o sacerdote e bacharel em Leis José Joaquim Monteiro Carvalho e o prior da freguesia dos Anjos, José Ferrão de Mendonça e Sousa, e D. Rodrigo de Sousa Coutinho, na qual este terá assumido o compromisso de que a Maçonaria não seria perseguida. Três meses depois, em 9 ou 12 de Maio, Hipólito da Costa assinava, em Londres, um tratado, oficializando o reconhecimento da *Grande Loja Portuguesa*, cujo texto, na íntegra, hoje se desconhece, mas que estipulava, entre outras coisas, que qualquer *maçon* português, credenciado por loja regular teria direito a visitar as *oficinas* da *Grande Loja de Inglaterra* e a receber a ajuda de qualquer *maçon* inglês, se acaso necessitasse de tal [cfr. Oliveira Marques, A. H. de, *ob. supracitada*, tomo 1, pp. 80-81].

<sup>23</sup> Filho mais novo do rei de Inglaterra, Jorge III, e irmão de Jorge IV e Guilherme IV, Augustus Frederick, duque de Sussex, residiu em Portugal, num semiexílio, entre 1801 e 1805. Neste período, desenvolveria uma intensa actividade maçónica, sendo, mesmo, referenciado pelos seus contemporâneos como um dos grandes obreiros da inauguração do *Oriente Lusitano* [vide Costa, Hipólito José da, *O Correio Braziliense*, xvii, n.º 103, Dezembro, 1816, p. 771]. De regresso a Inglaterra, Augustus Frederick, viria a desempenhar os cargos de venerável da loja *Friendship* (n.º 3 de Londres) e, posteriormente, de grão-mestre adjunto (1812-1813) e de grão-mestre (1813-1843) da *Grande Loja Unida de Inglaterra*.

<sup>24</sup> Segundo Oliveira Marques, Hipólito da Costa terá iniciado as negociações, que conduziram, em 25 de Abril de 1804, à celebração de um tratado de amizade e fraternidade entre os Grandes Orientes de França e de Portugal [cfr. Oliveira Marques, A. H., *ob. supracitada*, p. 81].

<sup>25</sup> Múcio Leão, baseando-se nas *Memórias* de José Liberato Freire de Carvalho, sublinha o desconforto sentido por D. Rodrigo de Sousa Coutinho em face das

país, Hipólito da Costa seria detido pelo corregedor do crime, sob as acusações de pedreiro-livre e de conspiração maçónica<sup>26</sup>. A prisão que se seguiria duraria cerca de três anos, terminando, em Agosto de 1805, na sequência de uma fuga atribulada (cujos pormenores omite da obra que dedicaria ao sucedido<sup>27</sup>), organizada e executada a partir do exterior da cadeia, à qual teriam estado associados alguns *maçons*, entre os quais José Liberato Freire de Carvalho<sup>28</sup> e o duque de Sussex<sup>29</sup>

Escondido alguns meses em Lisboa, Hipólito sairia da capital, numa nau inglesa, com destino à Inglaterra, iniciando um exílio que se prolongaria até à sua morte, em 1823. Em Londres, beneficiaria das boas relações que mantinha com Augustus Frederick, quer para garantir a sobrevivência, dando aulas particulares de línguas estrangeiras ou exercendo a actividade de publicista, quer para se proteger das várias tentativas da legação portuguesa para o fazer expulsar de Inglaterra, sobretudo durante a permanência do embaixador D. Domingos de Sousa Coutinho, futuro conde do Funchal<sup>30</sup>.

---

movimentações de Hipólito da Costa. O ministro de D. Maria I terá, de resto, chegado a confidenciar a um amigo a possibilidade de ter de ordenar a prisão do enviado, caso ele persistisse nas suas actividades maçónicas, sob pena de a sua imagem perante rainha sair desacreditada [*vide* Leão, Múcio, «Notícia sobre Hipólito da Costa — Esboço de uma biografia», in Pereira, Hipólito da Costa, *Diário da Minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)*, Brasília, Edições do Senado Federal, 2004].<sup>26</sup> Sobre a prisão de Hipólito, vejam-se os documentos da Intendência Geral da Polícia, de Agosto de 1802 (I.H.G.B., lata 21, doc. 2, *passim*), bem como do próprio preso, a história da sua fuga (*vide* nota 27).

<sup>27</sup> *Narrativa da Perseguição de Hippolyto Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, Natural da Colónia de Sacramento no Rio da Prata, Preso e Processado em Lisboa pelo Pretensão Crime de Fra-Maçon ou Pedreiro-Livre*, Londres, 1811.

<sup>28</sup> É, aliás, o próprio José Liberato Freire de Carvalho que admite a sua participação na fuga de Hipólito da Costa [cfr. Carvalho, José Liberato Freire de, *Memórias da Vida de J. L. F. de C.*, Lisboa, 1855, pp. 42-45].

<sup>29</sup> Embora na época já não se encontrasse em Lisboa, o duque de Sussex teria, segundo Mecenias Dourado, trabalhado «*forte e descobertamente*» pela libertação do director do *Correio Braziliense* [cfr. Dourado, Mecenias, *ob. supracitada*, p. 101].

<sup>30</sup> Questão controversa, que emerge das várias tentativas da legação portuguesa para obter a expulsão de Hipólito, é a sua situação jurídica no país de asilo. O embaixador Domingos de Sousa Coutinho, em várias cartas enviadas ao irmão — D. Rodrigo — lamenta-se do facto de o jornalista ter requerido a cidadania inglesa, o que o deixava de mãos atadas para cumprir a extradição. A hipótese de obtenção de cidadania inglesa é, no entanto, rejeitada por Mecenias Dourado e Carlos Rizzini. Enquanto o primeiro defende que Hipólito prestara juramento de fidelidade ao rei da Inglaterra, tornando-se *denizen* e, desta maneira, passara a gozar de certas prerrogativas de cidadão inglês, sem no entanto perder a nacionalidade de origem (Dourado, Mecenias, *ob. supracitada*, pp. 243-54), Rizzini baseia-se em afirmações do próprio jornalista para afirmar que ele obtivera a equivalência à naturalização, através da compra de acções do Banco da Escócia (Rizzini, Carlos, *ob. supracitada*, pp. 39-40).



Os contactos que estabelecera, quando da sua passagem anterior pela «*velha Albion*», revelar-se-iam fundamentais na adaptação à nova condição de expatriado. Participante activo em várias tertúlias, organizadas por clubes e pelos círculos liberais britânicos, viria a adquirir alguma notoriedade nos sectores da emigração política, sobretudo entre os exilados latino-americanos. No seu círculo de relações, encontrar-se-ia, de resto, Símon Bolívar, a quem, ao que se crê, o antigo director literário da Impressão Régia terá servido como intermediário na contratação de soldados e marinheiros ingleses<sup>31</sup>.

O aspecto mais marcante do exílio inglês de Hipólito da Costa acabaria, no entanto, por ser o projecto de *O Correio Braziliense ou Armazém Literário*, jornal por ele fundado e dirigido, cuja publicação semanal garantiria ininterruptamente, durante catorze anos, entre Junho de 1808 e Dezembro de 1822<sup>32</sup>. Nas páginas deste periódico, teria oportunidade de expor as suas ideias em matéria política, fazendo suas bandeiras principais a reforma da monarquia lusitana e a independência do Brasil, e de desenvolver as suas opiniões sobre assuntos económicos, muitas vezes, em notas e comentários com um elevado sentido crítico. Paralelamente a esta actividade editorial, o redactor do *Correio Braziliense* alargaria a intervenção escrita a outros domínios, desde a história à poesia, passando pelo teatro<sup>33</sup>.

Durante este período, Hipólito da Costa continuaria a desenvolver uma intensa actividade maçónica. Ocuparia sucessivamente os cargos de venerável da loja *Lusitana* (n.º 184), fundada por exilados portugueses e brasileiros<sup>34</sup>, de secretário para os Assuntos Estran-

---

<sup>31</sup> Num pequeno trecho do livro *Latin Americans in London*, que trata do jornalista brasileiro, lê-se que Hipólito da Costa, após o seu estabelecimento em Londres, tinha começado a colaborar «*closely with Miranda and other Latin American and European liberals and exiles in London*». Os autores, de resto, referem-se a Hipólito, noutra parte, como um dos latino-americanos importantes que Bolívar teria conhecido em Londres [Decho, Pam, e Diamond, Claire, *Latin Americans in London: A Select List of Proeminent Latin Americans in London, c. 1800-1996*, Londres, University of London / Institute of Latin American Studies, 1998, pp. 16 e 19].

<sup>32</sup> Num total de 175 números, compilados em 29 volumes semestrais [*vide Correio Braziliense ou Armazém Literário*, Londres, impresso por W. Lewis, 1808-1822].

<sup>33</sup> Segundo Rizzini, Hipólito da Costa terá escrito, em 1811, uma peça de teatro, em um acto, intitulada *Amor d'Estranja*, onde satiriza as relações entre as «*senhoras portuguesas e os oficiais britânicos*» [Rizzini, Carlos, *ob. supracitada*, p. 45]. O manuscrito da peça foi publicado em 1992 por João Pedro Rosa Ferreira [*vide*, Ferreira, João Pedro Rosa, *ob. supracitada*, pp. 204-238].

<sup>34</sup> Hipólito da Costa terá sido, de resto, o autor dos regulamentos desta loja [cfr. Silva, Inocêncio F. da, *Dicionário Bibliographico Portuguez*, vol. x, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p. 34; e, ainda, Boisvert, Georges, «La presse périodique

geiros do *Fremason's Hall* e de grão-mestre provincial da província de Rutland, em 1813<sup>35</sup>.

Após a independência do Brasil, o labor independentista de Hipólito seria reconhecido pelo governo brasileiro, que lhe viria a atribuir os cargos de encarregado de negócios interino, cônsul geral em Londres, em 20 de Setembro de 1823, e de conselheiro honorário da legação do Império do Brasil, junto do embaixador Caldeira Brant, em 22 do mesmo mês. As duas últimas nomeações seriam efectuadas a título póstumo, uma vez que o director do *Correio Braziliense* falecera em 11 de Setembro.

Seria sepultado no cemitério de Hurley, em Berkshire, podendo ler-se na lápide do seu túmulo o seguinte epitáfio, atribuído ao duque de Sussex: «*Dedicado à memória do comendador Hipólito José da Costa [que residiu na Inglaterra...] nos últimos dezoito anos durante os quais, por seus numerosos e valiosos escritos, difundiu entre os habitantes daquele imenso Império o gosto pelos conhecimentos úteis, a inclinação pelas artes que embelezam a vida e o amor pela liberdade constitucional, fundada na obediência às leis e nos princípios de mútua benevolência e boa vontade. Um amigo que conheceu e admirou suas virtudes, assim as recorda, para o culto da posteridade*»<sup>36</sup>.

## 2. O Diário da Minha Viagem para Filadélfia

Hipólito José da Costa era um jovem recém-licenciado em Leis, quando foi incumbido, pelo secretário de Estado da Marinha e dos Negócios Ultramarinos — D. Rodrigo de Sousa Coutinho — de uma missão económica aos Estados Unidos.

Homem de Estado de grande cultura e figura marcante da governação pós-pombalina, o conde de Linhares tinha uma concepção essencialmente económica da administração pública, preocupando-se

---

portugaise de Londres. Notes sur les circonstances de son apparition et son développement», in *Sillages*, n.º 4, Département des Études Portugaises et Brésilliennes de l'Université de Poitiers, 1974, pp. 69-88].

<sup>35</sup> Cfr. Rizzini, Carlos, *ob. supracitada*, p. 18. Mecenaz Dourado, no entanto, baseando a sua argumentação no próprio Hipólito, rejeita a possibilidade de ele ter desempenhado o cargo de grão-mestre, pelo menos até Fevereiro de 1815. Atribuiu-lhe, todavia, o título de First Grand Expert e de Supremo Grau 33, que lhe teria sido conferido em 1819 [cfr. Ferreira, João Pedro Rosa, *ob. supracitada*, p. 20].

<sup>36</sup> Traduzido por Isabel Lustosa e transcrito no seu artigo, «Hipólito na Corte — His Royal Highness e Mr. Costa», publicado *on-line* no *Observatório da Imprensa*, endereço electrónico: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/alm030620031.htm>.

com o comércio, a agricultura a gestão financeira e as novas práticas industriais<sup>37</sup>. A sua sensibilidade pelas questões de política internacional e, sobretudo, a percepção de que as relações entre o reino e as colónias, principalmente o Brasil, exigiam o funcionamento de circuitos, que garantissem a reprodução de sectores produtivos, grupos sociais e, mesmo, de estruturas económicas, levaram-no a olhar atentamente para as transformações que se operavam do lado de lá do Atlântico com um interesse acrescido.

Leitor atento dos relatórios que o ministro Cipriano da Costa Freire enviava dos Estados Unidos, Rodrigo de Sousa Coutinho tinha a noção clara das potencialidades do novo país que, estando ainda longe de ser uma sociedade desenvolvida, exibia já todas as características económicas e sociais que o viriam a converter numa potência industrial<sup>38</sup>. Não admira, assim, que o secretário de Estado estivesse interessado em enviar uma missão aos Estados Unidos, com a finalidade de estudar e conhecer as condições em que estava decorrendo o seu arranque económico. Os objectivos delineados por Linhares incluíam, ainda, um outro propósito, mais secreto, quase diríamos de espionagem económica: a recolha e o transporte do insecto e da planta da cochinilha, existentes no México, importantes para a indústria têxtil, cuja exportação era proibida pelos espanhóis.

A missão reservada a Hipólito da Costa estava longe, assim, de ser um acto isolado, destituído de qualquer sentido estratégico. Na mente do ministro de D. Maria, existia o claro propósito de inverter a situação de vulnerabilidade do nosso comércio marítimo relativamente à Espanha — reforçada pela aliança com a França —, o que, segundo ele, só poderia realizar-se através da atribuição de um maior dinamismo económico ao espaço atlântico luso-brasileiro.

É no âmbito destas preocupações que se deve entender a viagem do jovem brasileiro aos Estados Unidos. O que, logo à partida, estabelecia para a empresa objectivos muito mais vastos do que a simples investigação naturalista faria supor, confundindo-a facilmente com uma missão de espionagem económica e de reconhecimento estratégico. Com efeito, Hipólito, segundo as indicações precisas

---

<sup>37</sup> Para se compreender o significado e a importância da figura de D. Rodrigo de Sousa, no Portugal do virar do século, *vide* Silva, Andrée Mansuy Diniz, *Portrait d'un Homme d'État: D. Rodrigo de Souza Coutinho, Comte de Linhares, 1755-1812*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, vols I e II, 2004-2006.

<sup>38</sup> Cfr. Almeida, Paulo Roberto, *Um Tocqueville Avant la Lettre. Hipólito da Costa Como Founding Father do Americanismo* (<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/a1250920021.htm>).

fornecidas pelo próprio Sousa Coutinho, deveria mostrar-se atento a todas os progressos verificados nos domínios da agricultura e da indústria no novo país, fazendo acompanhar as suas observações de relatos pormenorizados e, ainda que tal prática fosse punida, de espécies zoológicas e botânicas, cuja exportação era proibida.

Importa, no entanto, sublinhar que a missão de Hipólito da Costa não constitui caso único neste período, apenas podendo surpreender pelo seu destino. A obra do académico Domingos Vandelli, intitulada *Viagens Filosóficas*<sup>39</sup>, que serviu de compêndio às suas aulas de História Natural na Universidade de Coimbra, hoje poderia servir de referência a um qualquer serviço de informações, uma vez que ensinava a ver e a pôr em relatório tudo o que em determinado país ou região era importante do ponto de vista duma governação, a saber: os recursos humanos e naturais, as vias de comunicação, a defesa, as formas de organização humana, etc.<sup>40</sup> Na mesma linha de preocupações, de resto, devemos também entender as viagens pelo Brasil, realizadas pelos naturalistas Alexandre Rodrigues Ferreira, Luís dos Santos Vilhena e José de Lacerda e Almeida, todos eles ligados à Academia Real das Ciências. Elas encarnam, indubitavelmente, o espírito do século XVIII, um século marcado pelo utilitarismo e a economia, influências a que não poderia fugir a História Natural: o naturalista fala do que é útil ou inútil, do que pode ou não dar lucro. Os governantes mais esclarecidos aspiram à felicidade dos povos, de acordo com um ideário materialista, segundo o qual as riquezas naturais serão tanto melhor aproveitadas quanto melhor e mais completo for o conhecimento científico delas, como aconselhava Vandelli. O naturalismo acaba assim promovendo a agricultura, as pescas, a indústria, a multiplicação de seres vivos e de produtos naturais úteis, estudando novas aplicações para eles, visando o bem-estar e riqueza das nações, dispondo para isso de uma técnica moderna de catalogação, a sistemática de Lineu.

A surpresa, sim, terá residido na escolha do enviado na missão: Hipólito José da Costa — um jovem recém-formado em Leis, sem qualquer experiência política ou diplomática, cujos únicos argumentos que apresentava, além das boas classificações obtidas no curso, eram uma sólida formação científica, na área da botânica, e

---

<sup>39</sup> A referência bibliográfica completa a esta obra é: Vandelli, Domingos, *Viagens Filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo nas suas peregrinações naturalistas deve principalmente preservar, por D. V. (1779)*, cópia de Frei Vicente Salgado, ms. vermelho, 405, 109, Academia das Ciências de Lisboa

<sup>40</sup> Sobre o pensamento de Vandelli, em particular a importância dos estudos de História Natural, veja-se: Cardoso, José Luís, «Introdução», in Vandelli, Domingos, *Memórias de História Natural*, Porto, Porto Editora, 2003.

uma carta de recomendação de seu tio, que, em tempos, privara com D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Dos desenvolvimentos da missão, deveria Hipólito dar conhecimento ao secretário de Estado, através de relatórios periódicos, o que ele fez, escrupulosamente, juntando ao espírito metucioso do funcionário o rigor científico do naturalista. O jovem jurista, no entanto, iria mais longe, acrescentando aos relatórios um caderno de observações e um diário de viagem, que ultrapassaria em muito a mera narrativa descritiva do viajante.

Com efeito, o que caracteriza de forma marcante o *Diário da Minha Viagem para Filadélfia* não são tanto as descrições agrícolas e naturalistas (de resto rigorosas e denotando uma preocupação de referenciação acentuada) em que o relato abunda, mas, principalmente, as reflexões de natureza política, económica, social e antropológica do autor, onde ele cristaliza a sua leitura da sociedade americana sua contemporânea. Pode-se, mesmo, afirmar (com todas as reticências que uma asserção deste tipo possa conter) que estamos perante um esboço de ensaio intelectual, com uma sólida base informativa, produto de um espírito eminentemente curioso e crítico, que reflecte no modo como exprime os seus pensamentos a herança cultural enciclopédica, em que Hipólito tinha sido formado.

Se a natureza é o teatro, o naturalista será, então, o actor principal, e o enviado da coroa portuguesa interpreta esse papel na perfeição, colando ao seu personagem o conceito exemplarmente expresso por Diderot e D'Alembert em *L'Encyclopédie*: «*Naturaliste, s. m., se dit d'une personne qui a étudié la nature, et qui est versé dans la connaissance des choses naturelles, particulièrement de ce qui concerne les métaux, les minéraux, les pierres, les végétaux et les animaux*»<sup>41</sup>.

Hipólito assume, assim, o papel do viajante versado e interessado pelas coisas naturais, que regista, nas páginas do *Diário*, as suas observações da natureza, fazendo acompanhar, todavia, os registos de espécies exemplares e de explicações detalhadas, onde mostra resultados e perspectivas económicas a D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Numa carta, escrita a 13 de Setembro de 1799, que acompanhava três barris cheios de sementes, a par das caracterizações e da enumeração dos materiais constantes da remessa, nota-se a preocupação em sublinhar a vantagem da utilização da madeira dos pinheiros para os mastros, procurado, desta forma, conferir um sentido utilitário aos seus alvitreos<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, tomo XIV, p. 144 [documento electrónico disponível em: <http://www.gallica.bnf.fr>].

<sup>42</sup> Vide Costa, Hipólito José da, «Copiador e Registro das Cartas de Ofício», carta n.º 11, in *Diário da Minha Viagem para Filadélfia*, Lisboa, ICS, 2007, pp. 167-168.

A descrição naturalista não está, no entanto, dissociada do registo da acção humana, cujas realizações, alterando paisagens e redefinindo novos equilíbrios entre o homem e a natureza, trazem novas percepções e desenvolvem novos saberes. Daí que a pena de Hipólito não se confine a dar expressão ao trabalho do botânico. Seguindo orientações expressas por Linhares, o jovem enviado regista observações das populações e das condições em que vivem. É assim que católicos, metodistas, prostitutas, ministros, homens de ciência ou simples agricultores ganham as cores do quotidiano do viajante. Chega a surpreender-se com a rusticidade dos americanos<sup>43</sup>, que contrasta com a delicadeza e elegância das cortes ocidentais, mas elogia-lhes o seu carácter empreendedor, no qual, de resto, vislumbra um dos factores do futuro sucesso da jovem nação americana<sup>44</sup>. Os preços das estalagens, as leis de Nova Iorque, proibindo as manufacturas de sabão e sedas, por uma questão de saúde pública, a epidemia de febre amarela e os hábitos e costumes dos norte-americanos não lhe escapariam aos olhos. Como não lhe escaparia, também, a informalidade e a ausência de protocolo com que o presidente John Adams recebia os seus convidados nas cerimónias oficiais, sentindo-se nesta sua abordagem algum desconforto, de resto, natural num súbdito de um país, como o nosso, onde imperava o despotismo esclarecido.

O diário da viagem de Hipólito acaba por se tornar, assim, num repositório de percepções, registos e reflexões, onde coabitam temas diversos, alguns recorrentemente tratados na sua simplicidade (os enjoos, as tempestades, os contactos com os artesãos e agricultores), outros, objecto de uma reflexão mais elaborada, como sucederia relativamente à reforma do sistema penal norte-americano, em que o autor se aventuraria numa longa dissertação sobre os princípios e a filosofia subjacentes ao novo quadro legal e jurídico<sup>45</sup>.

Hipólito é um enviado político, encarregue de uma missão de prospecção económica. Daí que o seu olhar não seja o do simples viajante; ele foi instruído no sentido de tudo observar, o que faz com que as visitas e as conversas estabelecidas com os indígenas, sobretudo os botânicos e os naturalistas, constituam uma fonte importante da informação que envia para o reino. Das lembranças do Brasil,

---

<sup>43</sup> Vide Costa, Hipólito José, *ob. supracitada*, pp. 50-51, 77.

<sup>44</sup> O enorme potencial de desenvolvimento dos Estados Unidos não escapa ao olhar atento de Hipólito da Costa, que chega mesmo a sugerir a D. Rodrigo de Sousa Coutinho que o país deve posicionar-se como parceiro económico privilegiado da nação americana.

<sup>45</sup> *Idem, ibidem*, pp. 71, 76-77, 85-89.

onde nasceu, deixa de parte as recordações da família<sup>46</sup> e faz emergir as potencialidades do território, observando os elementos técnicos e da natureza norte-americana que poderiam ser introduzidos na colônia, a fim de possibilitar o seu desenvolvimento<sup>47</sup>, exaltando, desta forma, a grandeza de um reino que tinha na sua extensão americana a principal fonte de riqueza.

Ao longo das páginas do diário, de resto, são vários os momentos em que Hipólito se aventura em considerações de índole económica e monetária, demonstrando elevado interesse pela matéria, mas também algumas dificuldades de abordagem, que ele assume, justificando com o facto de serem «*ténues e de aprendiz*» as suas relações com estes saberes. Tais limitações não o impediriam, no entanto, de sublinhar a preferência dos americanos pelo comércio e o seu gosto acentuado pela especulação, que elegia o dinheiro como um valor absoluto, criticando, em paralelo, a secundarização da agricultura, incompreensível à luz de uma lógica cultural como aquela que enformava o seu pensamento<sup>48</sup>. Com alguma admiração, constataria as facilidades na concessão do crédito, por parte dos bancos, reconhecendo os benefícios daí resultantes para o investimento e as especulações financeiras<sup>49</sup>, mas não deixa de notar os contrastes e diferentes ritmos de desenvolvimento em algumas regiões do interior, onde a falta de dinheiro determinava o recurso ao escambo<sup>50</sup>. Surpreender-se-ia, no entanto, com as fragilidades do sistema económico, sobretudo com as falências abruptas verificadas, compensadas, todavia, pela grande mobilidade das transações comerciais e o elevado espírito empreendedor, que proporcionavam um forte estímulo à economia<sup>51</sup>.

O olhar de Hipólito, apesar de indelevelmente marcado por fortes identidades culturais, intelectuais e políticas, não consegue, no entanto, escapar às sensações que a própria experiência da viagem

---

<sup>46</sup> O que não faz de ânimo leve, antes, pelo contrário, sentindo mesmo alguns remorsos. Tanto assim que, a dado passo da sua viagem, Hipólito escreve: «*Hoje reli o maço de cartas da minha casa (o que muitas vezes faço), e à vista das expressões de meus pais e tio protesto (o que há muito era minha tenção), pela minha honra, dar-lhes o gosto de me apresentar no Rio Grande, o mais breve que for possível e aqui escrevo isto para me chamar inconstante e indigno de ser homem de bem todas as vezes que me lembrar determinar o contrário e para obrigar a minha palavra aqui assino*» [*idem, ibidem*, p. 38].

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, pp. 141-142.

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*, p. 104.

<sup>49</sup> *Idem, ibidem*, p. 98.

<sup>50</sup> Prática que, segundo Hipólito da Costa, traduzia as contradições da sociedade americana, onde, em simultâneo com uma economia com um potencial de crescimento enorme, continuavam a existir regiões marcadamente pobres e atrasadas.

<sup>51</sup> *Idem, ibidem*, p. 110.

sempre provoca no viajante. Sensações de esperança e de optimismo, mas também de desencanto e alguma agrura. Hipólito não resiste a lamentar-se da demora de notícias ou do envio de dinheiro<sup>52</sup> — que acabam, de resto, por comprometer a sua missão no México — e critica a ausência de uma retaguarda institucional que o apoie, inexistente a partir do regresso do representante português — Cipriano da Costa Freire — a Lisboa, que o obrigaria mesmo a fazer-se passar por diplomata, mesmo sem autorização ou diploma legal para tal.

Longe de se reduzir a um mero relato de viagem, estigma que o empurrou, durante um século, para o arquivo da Biblioteca Pública de Évora, o diário de Hipólito José da Costa deve ser considerado um interessante ensaio de reflexão sobre os Estados Unidos, susceptível, mesmo, de justificar a comparação, efectuada por Paulo Roberto Almeida<sup>53</sup>, com a obra *La Démocratie en Amérique*, de Alexis Tocqueville, publicada em 1835. Não que a característica dos dois textos seja idêntica — o ensaio de Tocqueville apresenta contornos de uma elaboração doutrinária social e política ausente do relato de Hipólito —, mas porque na sua singeleza expositiva, o texto do futuro director do *Correio Braziliense* revela «*um carácter de ensaísmo sociológico avant la lettre* [possuidor de...] *todos os requisitos literários para figurar como obra fundadora do americanismo brasileiro, e quiçá universal. Seu diário é uma mina de boas trouvailles e de desconcertantes antecipações da sociedade americana, numa espécie de 'planejamento utópico do futuro' (a expressão pertence ao filósofo da história Reinhart Koselleck) que confirma, também por antecipação, a densidade analítica e o génio de 'escrevinhador' do futuro jornalista (aliás único) do Correio Braziliense*»<sup>54</sup>.

Para concluir, mesmo, gostaria de deixar uma pequena nota, que não contradizendo nem minimizando o *génio ensaístico* ou o espírito de missão do diário de Hipólito da Costa, chama a atenção para a sua postura enquanto viajante. Numa época que marca o início da modernidade, Hipólito não deixa de assumir o papel do homem de ciência que, à boa maneira de Alexandre Von Humboldt, não só estuda os homens, como procura chegar a um conceito de humanidade, através de um melhor conhecimento: dos outros, da natureza e de si mesmo.

---

<sup>52</sup> Vide Costa, Hipólito José da, «Copiador e Registro das Cartas de Ofício», cartas n.ºs 3, 4, 5, 15 e 16, *ob. supracitada*, pp. 153-155 e 172-174.

<sup>53</sup> Cfr. Almeida, Paulo Roberto, *ob. supracitada*.

<sup>54</sup> *Idem, ibidem*.